

**A construção do "Menino que disse sim":
memórias e narrativas autobiográficas em Salomão Alves**

**The Construction of the "Menino que disse sim":
Memories and Autobiographical Narratives in Salomão Alves**

Rycardo Wylles Pinheiro Nogueira¹

Resumo: Nosso interesse visa articular noções teóricas possíveis para a análise e interpretação da escrita autobiográfica de Salomão Alves de Moura Brasil em suas narrativas que dizem da produção do personagem e da obra autobiográfica "O Menino Que Disse SIM". Tem como ponto de referência debruçar o olhar na constituição do narrado, nos discursos e escritos autobiográficos enquanto instrumentos de percepção e articulação do tempo *vivido* e *narrado*. Partimos desde a *pré-figuração (mimese I)*, pela *configuração (mimese II)*, que estabelece arcabouço para uma possível *refiguração (mimese III)* do *vivido* pelo *tempo narrado* que passa a fazer parte da memória e da história "efetiva", seja para as convicções de aceitação, de confronto ou criação de sentido num retorno para o *vivido*. Tal interação nos é proposta por Paul Ricoeur em sua *tríplice mimese* ou *círculo hermenêutico*, noção composta pelas reflexões em torno de sua teoria da narração em sua obra clássica *Tempo e Narrativa*. Trataremos ainda a noção de *ilusão biográfica*, proposta por Pierre Bourdieu acerca da escrita orientada pela ilusão da linearidade, que fala da história de uma vida pela relação *causa-efeito* e que compõe "ordem" na *identidade narrada*. Em relação, e de algum modo, traremos outro aspecto, nos debruçaremos brevemente na idéia de Phillipe Lejeune acerca da escrita autobiográfica enquanto *pacto autobiográfico*, idéia que abre fendas para pensar a relação *autor-leitor* pelo pacto firmado entre as partes produtoras do texto.

Palavras-chave: Autobiografia, Memória, Narrativa.

Abstract: Our interest aims to articulate possible theoretical notions for the analysis and interpretation of the autobiographical writing of *Salomão Alves de Moura Brasil* in his narratives that say of the production of the character and the autobiographical work "*O Menino Que Disse SIM*". It has as reference point to look at the constitution of the narrated in autobiographical discourses and writings as instruments of perception and articulation of time lived and narrated. We start from the *pre-figuration (mimesis I)*, through *configuration (mimesis II)*, which establishes a framework for a possible *reconfiguration (mimesis III)* of the lived by the *narrated time*, which becomes part of the memory and "effective" history, either for the convictions of acceptance, confrontation or creation of meaning in a return to the *lived*. Such interaction is proposed to us by Paul Ricoeur in his *triple mimesis* or *hermeneutic circle*, a notion composed by the reflections about his theory of narration in the classic work *Time and Narrative* (2010). We will also deal with the notion of *biographical illusion* proposed by Pierre Bourdieu about writing orientated by the illusion of linearity, which speaks of the history of a life by the relation cause and effect and which composes "order" in the narrated identity. In relation, and in some way, we will address yet another aspect. We will briefly look at Phillipe Lejeune's idea of autobiographical writing as an *autobiographical pact*, a notion that opens cracks for thinking about the *author-reader* relationship through the pact between the producing parts of the text.

Keywords: Autobiography, Memory, Narrative

¹ Mestre em História e Culturas pelo Mestrado Acadêmico em História-MAHIS da Universidade Estadual do Ceará (2016), graduado em História pela mesma Universidade (2012). E-mail: rycardo@bol.com.br.

Debate preliminar

Nosso interesse inicial nos leva a entender a “narrativa histórica” enquanto ponto essencial de relação e cruzamento entre “vivido” e “narrado”. Partimos da condição de que a “narrativa histórica” é estabelecida por sua potencialidade explicativa e representativa do tempo. Ela diz das mudanças e das “durações”², isso a partir de duas simples considerações que não encerram em si. Primeiro, os historiadores em sua “narrativa histórica” são conscientes de suas limitações referentes à explicação das noções referentes à experiência humana no tempo (os recortes espaciais-temporais são um belo exemplo). Segundo, justamente por reconhecer esse acesso limitado ao passado, firma uma compreensão e compromisso que não se encerra ao constituir de sua narrativa, pois esta está aberta às interpretações constantemente reelaboradas pelas novas fendas cunhadas pelas inquietações do presente.

Paul Ricoeur nos falou acerca da narrativa histórica e de seu potencial explicativo enquanto instrumento de “medição e explicação temporal” e que nos serve enquanto “via de acesso”, não para o passado em si, mas no que se refere à uma maneira de compreensão do tempo pelos significados organizados da “vida” à “intriga” pelo agenciamento dos acontecimentos (representados) que existem para nós enquanto referenciais possíveis.

Existe, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma relação que não é puramente acidental, *mas apresenta uma forma de necessidade transcultural*. Ou, para dizê-lo de outra maneira: *o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição de existência temporal*. (RICOEUR, 2010, p. 93). [grifos nossos]

A argumentação referenciada é válida quando nos mostra como a produção de sentido (isso no que diz respeito à construção da narrativa histórica, que será desenvolvida de maneira mais profícua por Ricoeur na obra *A memória, a história, o esquecimento*) nos “liberta”, mesmo que provisoriamente, da incontável sucessão

²José Carlos Reis diz enfatiza que “o que o historiador deseja é produzir um “conhecimento da mudança”, uma descrição do transcurso dos homens finitos em sua experiência da finitude, que ele considera paradoxalmente o único apreensível e cognoscível. Seu objetivo é “mediar” um diálogo entre vivos e “vivos ainda”. O que ele faz é “diferenciar” durações”. (REIS, 1996, p. 233).

Escrepturas

temporal da “vida vivida” no passado e nos possibilita um repouso temporário e significativo no “controlável” tempo da “narrativa histórica” que (re)-apresenta o passado.

Antes de partirmos para nosso eixo central de discussão, entendemos que a proposta de Paul Ricoeur acerca da narrativa histórica nos abre uma condição preliminar que diferencia a “narrativa histórica” da “narrativa de ficção”: A “narrativa histórica” parte sempre de um “vivido” que diz *oquem* da ação. Deste modo o que diferencia a “narrativa histórica” da “narrativa de ficção” é justamente porque a primeira “se torna representação do passado, algo que a narrativa de ficção não é, ao menos intencionalmente, ainda que ela, além do mais, seja de alguma forma” (RICOEUR, 2007, p. 200).

Com isso posto, e antes de adentrarmos na expectativa de analisar as narrativas autobiográficas enquanto produtoras de sentido, nos pautaremos no círculo hermenêutico de Paul Ricoeur enquanto possibilidade teórica para pensar a escrita autobiográfica. Pensamos a tal escrita enquanto mecanismo que têm por base o uso e articulação da memória como essencial matéria-prima para que a “narrativa ficcional” (autobiográfica) possa ser tecida e a construção da imagem do nosso personagem, Salomão Alves de Moura Brasil³, possa ser movimentada e redimensionada para a construção do mito do personagem “O Menino Que Disse SIM”.

O “círculo hermenêutico” de Paul Ricoeur enquanto possibilidade teórica de interpretação

Pensando a escrita autobiográfica de Salomão Alves de Moura Brasil, na imagem que construiu de si mesmo e nas que outros lhe conferiram, nos colocaremos, em um primeiro momento deste trabalho, em adensar reconhecer a possibilidade teórica proposta por Paul Ricoeur para análise da escritura autobiográfica. Partimos da “prefiguração” (*mímese I*), esse é o momento que não necessariamente se desenvolve uma narrativa propriamente dita, pois ela existe apenas como o “pré”,

³ Salomão Alves de Moura Brasil (1927-2009) foi escritor, advogado e político na cidade de Aracoiaba, interior do Ceará. Em 1990, ficou conhecido na cidade como “Papa da Educação do Maciço de Baturité”. Conta a história de sua vida em sua emblemática obra *O Menino Que Disse SIM*, onde fala de sua infância sofrida e posteriormente, recompensada.

porém diz algo no espaço político de interação, pelos limites e possibilidades simbólicas da atuação e relação que podemos propor para o nosso objeto, acerca de Salomão Alves com a comunidade na qual encenou. De modo simples e esclarecedor a *mímese I* centra-se em uma narrativa ainda não narrada, mas conscientemente pensada e vivida enquanto possibilidade de se contar uma história.

É na interação política e na “ação” da vida que se pressupõe um novo “agir” pela narrativa, é no caos desorganizado das vivências experimentadas que um “referencial” passa a existir para quem faz o uso da memória e articula o passado em narrativa. São das vivências e da consciência (*mnemônica*) de uma história não contada e de uma vida vivida na sua deformidade, intensidade ou plenitude que há possibilidade de haver uma ou mais narrativas narrativa. É da possibilidade de haver narrativa que narrativa há; é dela que se necessita para contar a história da vida ainda não contada, para que a vida seja identificada, conferindo-a assim uma identidade.

A *mímese Idiz* das utilizações sociais da memória pela consciência, diz que “a composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo da ação: de suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal”. Diz ainda que, “se, com efeito, a ação pode ser narrada, é porque ela já está articulada em signos, regras, normas: está, desde sempre, *simbolicamente mediatizada*” (RICOEUR, 2010, p. 96-101). Nos é explicada ainda de maneira simples quando faz a pergunta:

Se não há experiência humana que não seja mediatizada por sistemas simbólicos e, entre eles, por narrativas, parece inútil dizer, como fizemos, que a ação está em busca da narrativa. Como, com efeito, poderíamos falar que uma vida humana é uma história em estado nascente se não temos acesso aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas a seu respeito por outros ou por nós mesmos? (*Idem*, p. 127).

De maneira clara, o que Paul Ricoeur nos sugere é que há uma vida vivida que ainda não foi narrada. Diz de uma narrativa que não foi contada, mas que existe por sua significação e pela consciência *mnemônica*. A *pré-figuração* é o “ainda” que não existe ainda (não enquanto narrativa estruturada), mas que existe enquanto

Esripturas

consciência e enquanto “ação desordenada” no viver. É o “viver” e a consciência temporal que torna a narrativa possível.

É na *mimese I*, ou “pré-figuração”, que o somente possível passa a ser um possível existente na *mimese II*, que é o momento da configuração narrativa, momento em que a produção de sentido entra em ação quando a narrativa é tecida pelo autor da obra escrita ou da fala. É quando o “vivido” se torna um “textual provisório”, quando é representado, quando toma um lugar que lhe confere um novo lugar de “repouso” se comparado a trama da vida vivida. A *mimese II* é a “configuração” do vivido, é o “agenciamento dos fatos” que age de maneira dinâmica no transporte da “ação” do mundo para uma nova “ação” escrita, do ser-aí-no-mundo inapreensível, que não se explica, mas que se tenta explicar pelo texto configurado. A “configuração” repete, pois é entendida enquanto

a repetição da história contada, governada como totalidade por sua maneira de terminar, constitui uma alternativa à representação do tempo que corre do passado rumo ao futuro, segundo a conhecida metáfora da “flecha do tempo”. É como se a recapitulação invertesse a ordem dita “natural” do tempo. Ao ler o fim no começo e o começo no fim, também aprendemos ler o próprio tempo retrospectivamente, como sendo a recapitulação das condições iniciais em curso de ação em suas conseqüências finais. (*Idem*, p. 118).

Encerrando e adentrando um fim que tem em si um começo que nunca se repete, podemos falar da *mimese III*, ou da “refiguração”. De uma coisa podemos ficar cientes, o tempo foi configurado pela narrativa através da *mimese II*, por outro lado, podemos ficar conscientes, o tempo narrado não foi encerrado na “configuração” narrativa produzida pelo autor no mundo textual (*mimese II*). A “configuração” é a abertura para a *mimese III*, que podemos entendê-la enquanto recepção e reprodução dos leitores ou das testemunhas da narrativa. Paul Ricoeur nos sugere que:

É ainda o ato de ler que se junta ao jogo da inovação e da sedimentação dos paradigmas que esquematizam a composição da intriga. É no ato de ler que o destinatário brinca com as exigências narrativas, efetua os desvios, participa do combate entre romance e antirromance e experimenta o prazer que Roland Barthes chamava o prazer do texto. (*Idem*, p. 131).

Esripturas

É o momento da *refiguração*, instante em que o tempo narrado será (re)significado aos critérios da *mimese I* pelos receptáculos da narrativa. É justamente por isso que *mimese III* e *I* estão cruzadas a ferro e sangue pelo leitor (em seu mundo simbólico criador), pela produção de sentido que este a confere. “Se a composição da intriga pode ser descrita como um ato do juízo e da imaginação produtiva é na medida em que esse ato é obra conjunta do texto e de seu leitor, do mesmo modo como Aristóteles dizia que a sensação é obra comum do sentido daquele que sente”. (*Idem*, p. 131). Sentir, ouvir, ler, ter contato com as narrativas pe reproduzi-la pela imaginação própria de quem faz a recepção. Essa reprodução é que pode ser considerada “refiguração”.

Explicitando melhor a noção de “círculo hermenêutico” de Paul Ricoeur, é preciso perceber *asmimeses I, II e III* (“pré-figuração”, “configuração” e “refiguração”) não enquanto etapas ordenadas de uma determinação fechada, mas que acontecem e se repetem uma entre outras passando por vias diferentes, gerando movimento de sucessão e de retorno sem repetição, de interação caleidoscópica em forma de espiral que ordena diferença e dependência de uma *mimese* da outra, de maneira simples, elas existem na condição de entrecruzadas, elas só são possíveis por serem ou estarem entrecruzadas.

A “pré-figuração” foi possível, pois a vida foi vivida e mediatizada pelo simbólico fenomenológico, este foi possível pela relação pré-experiência e pós-consciência. O “agora”, depois da experiência vivida e (re)significada, é a provisória abolição do “caos” pela narrativa tecida pela *mimese II (configuração)*, que entra em ação. Ela “organizará” a vida vivida representada pelos significados conferidos pela memória e pela criatividade que aponta um possível referencial “real” para que a narrativa seja tecida. Mas é na relação “autor-narrador- personagem” em atividade que a narrativa compõe “configuração” autobiográfica propriamente dita. É a *mimese II* que merece espaço para ser “configurar” a narrativa autobiográfica. Depois das reflexões vamos então ao campo prático e vejamos adiante como “configuração” autobiográfica de Salomão Alves em sua obra *O Menino que disse SIM* organiza o tempo e os personagens.

Esripturas

Da “configuração” autobiográfica

Segundo Philippe Lejeune, especialista em autobiografias, ao fazer referencia ao “pacto autobiográfico”, afirma que autobiografia pode ser definida como “narrativa retrospectiva em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo em relevo sua vida individual e em particular a história de sua personalidade”. Diz que o relato autobiográfico não está desvinculado do espaço social de produção, e que confere ao autor (narrador e personagem) o *status* de real. Desenvolve que há um contrato de identidade entre autor, narrador e personagem, um *pactoque*

a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em ultima instância, ao *nome* do autor, escrito na capa do livro. As formas com pacto autobiográfico são muitas e diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar *sua assinatura*. O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade.(LEJEUNE, 2008, p. 14-26).

Lejeune nos sugere que por mais que existam duvidas referentes ao discurso (se este é ou não verdade), não há questões acerca da identidade do autor, pois ele que assina a capa, registra o livro enquanto próprio. Pode haver duvidas em relação ao fato, mas não em relação a quem conta a história. Esse é o potencial da escrita autobiográfica de Salomão Alves, que pode ser entendido enquanto “pacto” entre autor (que ao mesmo tempo é narrador e personagem) e o leitor. Deste modo, se o “pacto” for bem firmado, a identidade do autor acaba sendo entrecruzada com a identidade do personagem fictício.

Publicada em no ano de 2008, a obra autobiográfica *O Menino Que Disse SIM*, de Salomão Alves, é desenvolvida visando uma linearidade que parte desde seu nascimento, passando pela dura infância com o falecimento do pai aos cinco anos de idade, a luta no dia-a-dia para ajudar sua mãe, seus primeiros contatos com a leitura, as travessuras de moleque, a saída de casa para estudar, os amores na adolescência, a rejeição familiar por parte de alguns membros da família, até sua relação com pessoas comuns e figuras políticas que lhe foram importantes para um futuro brilhante. Mas compõe também algumas de suas predileções ao intentar narrar sua vida pela escrita. De modo geral expõe ainda sua força de vontade de “vencer na vida”, por ser o melhor aluno da turma, os espaços da cidade que frequentou em

Esripturas

outras épocas, conquistas como a construção de sua escola e a ascensão da vida pessoal e pública posteriormente. Na obra sua vida passa a ser guiada por ele mesmo pela escrita, ele conduz a si mesmo a um retorno que parece considerar necessário. Isso envolve algumas escolhas de seus feitos como as vantagens conquistadas diante de seus opositores, a prática da caridade, a formação acadêmica, a construção da escola, posição política de respeito conquistado na cidade de Aracoiaba-Ceará.

Embora tenha nascido na cidade de Iracema, interior do Ceará, que se localiza ao norte do estado, região Jaguaribana, é na cidade de Aracoiaba que constrói sua vida desde a infância. Tendo passado por formação escolar jesuítica no Mosteiro de Baturité, momento emblemático da sua vida, acabou não optando pelo celibato, mas pelo direito, pela educação e pela carreira política no legislativo municipal. Percebemos que Salomão Alves carrega em diversos de seus escritos uma linguagem romântica, de patriotismo e de fé cristã. Compõe vários escritos durante sua trajetória na escola jesuíta e posteriormente na sua vida política.

Se pensarmos as possibilidades de estudar a vida de Salomão Alves certamente existirão várias portas convidativas para pensá-lo e analisá-lo a partir de suas referências. Aqui podemos ousar e pensar em um “Salomão Religioso” (de formação jesuítica), “Salomão Político” (o vereador da cidade), “Salomão Poeta” (que escreve sentimentos, poesias), “Salomão Professor” (amor pela educação), “Salomão Patriota” (amante de sua terra e pátria), “Salomão Músico” (o pianista e compositor),⁴ entre outros, no entanto buscamos um Salomão Alves que trabalha a favor de narrar uma memória de si, buscamos um “Salomão Autobiógrafo”.

Ao observar a (auto)“configuração” de Salomão Alves, quando este busca provisoriamente tornar-se “outro”, pelo título e pessoa empregados em sua autobiografia *O Menino que disse SIM* (terceira pessoa), podemos compreender o novo vir-a-ser do autor pela “configuração” autobiográfica, por uma construção de si em um determinado tempo, que compreendemos aqui também ter sido “configurada”, inconscientemente, por uma necessidade de situação no tempo, com o que Reinhart Koselleck considerou “noção antropológica” humanado tempo. Observando a

⁴ Todas as adjetivações propostas foram fundamentadas em documentos (poesias, livros, fotos e entrevistas) e conversas informais com pessoas que foram próximas a Salomão Alves de Moura Brasil na cidade de Aracoiaba-Ce.

noção de passado e futuro, que estão em atividade no presente, enquanto “campo de experiências” e “horizonte de expectativas” nos é possível entender que as tramas do autobiógrafo também são montadas pela sua consciência e organização do tempo, que se torna compreensível pela narrativa em função da construção de uma imagem, da busca de uma identidade. Quando este faz referência ao seu passado (experiência), ao fazê-lo dispõe de testemunhas, para que no devir, que agora é espera, (expectativas) tenha seus legitimadores ou seus críticos. (KOSELLECK, 2006, p. 16).

Adentrando na análise da “configuração” autobiográfica, percebemos que Salomão Alves propôs um jogo narrativo que considerou “vernacular”, puro e inédito em sua experiência de se auto-escrever. Ao articular, quando escreve sobre si, primeira (Salomão Autor) e terceira pessoa, (*O Menino que disse SIM*) articula ao mesmo tempo *autore personagem* em sua narrativa autobiográfica. Na intriga o “eu - autor” abre o caminho para que o “eu-narrador” oriente como o “eu - personagem” deve atuar na narrativa.

Excedendo a afirmação que Ricoeur nos propôs quando enfatizou que “a autobiografia depende, em última análise da identidade e, portanto, na ausência de distância entre o personagem principal da história, que é o si mesmo, e o narrador que escreve na primeira pessoa do singular” (RICOEUR, 1997, p. 13), percebemos que as maneiras de escrever a si variam historicamente. Portanto, o uso da terceira pessoa para situar a si mesmo, enquanto estratégia do autor não retira o caráter autobiográfico de sua escrita, mas explica uma maneira própria de um sujeito configura a própria vida pela narrativa. Vejamos como Salomão Alves apresenta uma maneira de conduzir sua autobiografia.

Quero fazer-lhes uma oportuna observação. O tratamento vernacular aqui empregado foge muito propositalmente ao estrito modelo gramatical, uma vez que, “O Menino que disse SIM”, apesar de ter conduzido o Autor ao solar dos Jesuítas e ali haver-lhe dito que já poderia ensaiar seus primeiros passos, sozinho, prometeu-lhe, todavia, segui-lo sempre, mesmo à distância, o que tem cumprido rigorosamente. Se há constantes momentos em que se observam tratamentos gramaticais referentes ao “Menino que disse SIM” e o Autor, tal fato ocorre, em virtude da simbiose de ambos, por assim dizer, pois representam a mesma pessoa, ou seja, o Autor. (*Apresentação do livro*. BRASIL, 2008).

Esripturas

Uma nova questão é acerca de sua experiência quando aluno Jesuíta no Mosteiro de Baturité, no estado do Ceará. Se a vida de Salomão Alves esteve estritamente ligada ao Colégio Jesuíta, este é apresentado como o ápice que o Menino que disse Sim conquistou para nós pela narrativa que o conduziu. Salomão Alves enquanto autor não rememora sua vida enfatizando seu próprio eu como responsável pelos “primeiros passos da vida”, para tal astúcia, acerca do início da conquista, dos “primeiros passos”, da “bela carreira”, cria um personagem (*O Menino*), ao qual atribui suas qualidades do passado, no entanto, sabe e afirma, ainda no mesmo texto, que o *Menino que disse SIM* e o autor são a mesma pessoa em Salomão Alves.

O *Menino* e autor estão em constante diálogo a partir do narrador, este é o estrategista, “dono da verdade”, o que conta a história. O autor é aquele que em sua comunidade busca legitimidade pela obra, que está fora do texto, mas que insiste em ser “o” de dentro do texto para que “o” seja fora. É também aquele que existe pela construção do trabalho, que por ele se apresenta e que através dele existe como verdadeiro autor do livro diante do leitor. O autor da obra faz uso do que o narrador fala e propõe acerca do *Menino*, e sendo o autor o próprio *Menino*, e o narrador, a voz do *Menino*, a narrativa enaltece o autor à medida que responsabiliza o *Menino* por outros tempos “haver-lhe dito que já poderia ensaiar seus primeiros passos” na Escola dos Jesuítas. (BRASIL, 2008, 77-80).

O esforço retrospectivo de Salomão Alves em situar memórias acerca de suas experiências vividas anteriormente, remonta a existência do *Menino*. O *Menino* é a própria noção do passado pela experiência de Salomão Alves. O constante jogo entre *Menino*, Narrador e Autor estabelece uma divisão e organização do tempo pelo sujeito e do sujeito pelo tempo, tais astúcias são responsáveis para que as engrenagens narrativas entrem em operação para que o tempo seja compreendido-narrado.

A experiência narrativa de Salomão Alves está reservada ao *Menino*, pois este que no passado experimentou as labutas da vida, os entraves da pobreza. Ao dizer que o *Menino* “prometeu-lhe, todavia, segui-lo sempre, mesmo à distancia, o que tem cumprido rigorosamente”. Enfatiza que é o *Menino* que não o deixa cair no esquecimento acerca de suas raízes, de seus sofrimentos, de sua dura infância com a perda do pai aos cinco anos de idade, e quando logo após “saí à luta e só ao me

Esripturas

verem de preto e sabendo de quem eu era filho, muitos compravam os tijolinhas, por compaixão e caridade” (BRASIL, 2008, p. 33).

Órfão de pai e pobre, o *Menino* é lembrado/criado por Salomão Alves como aquele personagem que sofreu com ele no passado antes de entrar no “Ninho das Águias” (Mosteiro dos Jesuítas), aquele enquanto *Menino* que disse um dia:

- *Salomão, entre comigo neste mosteiro. Até aqui você comentou toda minha vida, desde a mais tenra infância, agora sou eu que o entrega ao “Ninho das Águias”. Entre, lembre-se de que, doravante você mesmo ocupará o meu lugar. Não o abandonarei. Serei sua segunda espiritualidade. Diga sempre SIM, como me ensinou. – Obrigado, meu “Menino que disse SIM”. E um novo mundo, abre-se para mim, lá nas alturas do “Ninho das Águias”* (BRASIL, 2008, p. 156).[grifos nossos]

O *Menino* é quem conduz Salomão Alves ao Ninho das Águias pelo seu esforço e coragem. Ao lembrar o *Menino* narrado lembra a si próprio antes de entrar na escola, antes de começar sua carreira. Rememora então a pobreza quando ele e sua irmã ao irem em busca de doações para sua matrícula na Colégio Jesuítas são alertados por Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora que diz: “- Digam sua mãezinha, que aquele, é realmente o melhor colégio de internato do estado, mas não é muito barata a mensalidade. Contudo, vão em frente.” (BRASIL, 2008, p. 150).

O *Menino* é a criação do autor por sua consciência em uma relação com a criatividade, melhor, é também a própria experiência *mnemônica* narrada pela “ação narrativa” de contar experiência. Suas dificuldades quando criança, o levaram construir um personagem que sofreu para tornar-se Salomão Alves digno de contar sua própria história. As lembranças dos tempos difíceis antes de entrar no Colégio Jesuíta, o levaram a dividir a si mesmo o tempo do *Menino*(antes de entrar no Mosteiro Jesuítas) e o tempo de Salomão Alves (momento que as portas se abrem para as oportunidades profissionais, pessoais e políticas). O *Menino* entrega a si mesmo enquanto Salomão Alves e enfatiza que este deve dizer sempre *SIM* com lhe havia ensinado.

Em sua autobiografia busca abarcar toda sua vida (uma totalidade⁵) passada pela rememoração, pela consciência *mnemônica*. Para tal astúcia faz uso de

⁵Temos consciência de que “a vida não deve ser compreendida como uma ordem “ou como um encaminhamento, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso

estratégias, que ao estarem diretamente pensadas em uma relação com suas experiências, ganham um sentido muito particular. Marina Maluf nos possibilita refletir nesse sentido quando lembra que,

O fato de o enunciador conhecer e descrever experiências particulares de tempos pretéritos a partir de uma perspectiva presente, que necessariamente diz respeito à sua própria imagem, leva ao autor elaborar estratégias verbais específicas – um estilo – para expressar a “verdade” sobre os fatos e acontecimentos passados. Ele se apóia sobre essas formulas verbais para acomodar o passado, tanto para si quanto para o leitor, contendo, assim, a erupção desordenada do tempo privado (MALUF, 1995, p. 29).

A perspectiva do presente do “autor”, que na cidade é conhecido enquanto professor, está também em deixar uma imagem de si como exemplo, como aquele que soube enfrentar as dificuldades que a vida lhe lançou enquanto *Menino*. Narrar a própria história da vida é, ao mesmo tempo, fazer usos da memória e construir uma nova experiência narrativa para que seja compreendida por outros, é parte de uma intenção, pois o que se conta já se “pré-figura” a quem se quer contar, como contar, e certamente já se espera e se planeja, mesmo sem êxito, como será recepcionada e “refigurada” a história de sua vida. Salomão nomeia a si no passado de *Menino que disse SIM*, no entanto, sabemos que tal nomeação construída por uma adjetivação da *experiência vivida* e que se configura enquanto “experiência narrada”.

O retorno para outros personagens da cidade se dá com a publicação da obra, momento em que abre caminhos possíveis para uma “refiguração”. É que antes da publicação da obra Salomão Alves cedeu espaços da obra para que amigos, políticos e familiares pudessem escrever sobre sua obra, o que logicamente confundiria as considerações sobre a obra com considerações acerca de sua própria vida. É o caso de Marilene Campêlo Nogueira, prefeita da cidade de Aracoiaba no ano do lançamento do livro (2008). Esta fica responsável pelo prefácio da obra do autor.

orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a “mobilidade”), que tem um começo (“uma estréia de vida”), as etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (“ele fará seu caminho” significa que ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história.[...].“Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (BOURDIEU, 1998, p. 183-185).

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 127-144, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Constitui-se para mim, honraria incomum, ter dito a oportunidade de materializar neste Prefácio, o sentimento de admiração e respeito, que tenho pelo Dr. Salomão, o poeta, professor, advogado, historiador, compositor, dramaturgo, enfim, o homem político por excelência, a quem seu povo ofereceu um mandato, para como seu procurador, há vinte e seis anos, afim de que ele participasse mais efetiva e afetivamente, da vida municipal, como Vereador, tantas vezes Presidente do Legislativo, dignificando assim, sua terra e sua gente. Marilene Campêlo Nogueira. *Professora, Advogada, ex-vereadora, ex-vice-prefeita, ex-prefeita e atualmente Prefeita Municipal de Aracoiaba-CE.* (NOGUEIRA. In: BRASIL, 2008: p.8).

Mas retomando a dimensão narrativa de nosso personagem percebemos que Salomão Alves, ou melhor, o *Menino*, ao chegar ao Ninho das Águias, uma nova etapa narrativa começa na vida escrita pelo autor. Não haverá mais o tratamento “vernacular” fazendo referência direta ao *Menino que disse SIM*, mas o “eu – autor”, Salomão Alves de Moura Brasil.

Em sua narrativa, discorre sua formação no Colégio Jesuíta, o fim da jornada no Ninho das Águias (1948), sua formação acadêmica, seu Bacharelado na Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras – Curso de Letras Clássicas (1951). Nesse momento enfatiza que recebe convites para trabalhar em alguns colégios. Não mais fazendo referência a si como *Menino*, mas como próprio Salomão Alves, seus apontamentos se empenharão em mostrar as relações políticas do “eu – autor”, a isso cabe sua experiência narrativa.

Entrementes, *surgem-me* vários e oportunos convites para assumir diretorias de colégios, uma em Pernambuco, outra em Granja - CE e uma terceira em Jaguaribe. Pernambuco, por razões de distância de minha terra natal; Granja, também foi descartada, *pois era eu noivo da filha do Prefeito*, o Cel. Antonio Monteiro Carneiro da Cunha, que me formulara o convite. A razão da escusa, é que *não me parecia* razoável aceitar o convite, *pois poderiam interpretar como o* –golpe do baúll e mesmo, *não tinha eu a certeza* se o enlace daria certo ou não. Restava Jaguaribe. Tudo indicava que daria certo. O Ginásio era o tão famoso “Carmela Dutral” que depois se transformaria, em Ginásio e Escola Normal, *uma vez que eu conseguiria o registro e o reconhecimento estadual daquela unidade escolar, como de 1º e 2º graus. Ademais, o colégio pertencia às famílias Távora e Barreira e quem me formulara o convite, fora nada menos que o Deputado Estadual Ademar Távora, em um jantar no solar da família, com as presenças do Cel. Virgílio Távora, do Dr. Carloto Fernandes Távora, irmão do grande Cabo de Guerra, Marechal Juarez do Nascimento Fernandes Távora, contando ainda com a presença, da grande e veneranda Dona Francinete Távora* (BRASIL, 2008, p. 173). [*grifos nossos*]

Esripturas

O *Menino que disse SIM* perde o espaço na narrativa no momento em que o *eu-político* de Salomão Alves de Moura Brasil entra em cena. Ao *Menino* não interessa uma relação política, pois a ele foi destinado os “primeiros passos”, o sofrimento, a pobreza e a um esforço em levar a si mesmo ao homem político, primeiramente ao Ninho das Águias e consecutivamente à uma ascensão em suas relações pessoais, profissionais e políticas, que o possibilitasse a construção de uma imagem privilegiada diante da comunidade aracoiaibense.

A construção de sua vida, as permanências pela consciência *mnemônica*, a vida “configurada” pela ação de narrar, a monumentalização de uma vida que é uma construção narrada. O esforço de produzir uma linearidade, de escolher ajustar personagens, de privilegiar determinados fatos, até o lançamento do livro diante da comunidade aracoiaibense, nos mostra seu empenho em cultivar, a partir de sua memória e posição política, uma lembrança na comunidade aracoiaibense.

A escrita também espaço construído por ele e para ele mesmo, é espaço privilegiado de autoconstrução identitária. Sua vida é articulada no papel, suas experiências, no tempo. A vida se torna palavras que exercem uma auto-representação do autor pela narrativa, narra a vida,

mas a vida narrada não é a vida vivida. A experiência da narração é aquela que transforma o vivido no contado ou, melhor dizendo, consiste na *configuração* dos acontecimentos da vida em um enredo, que por seu lado, permite uma *refiguração* dessa mesma vida, dotando a de uma *identidade narrativa* que pode ser interpretada e compreendida. (SANTOS, 2006, p. 3).

Salomão Alves construiu a si por uma “identidade narrativa”. Paul Ricoeur nos sugeriutal noção ao finalizar seu emblemático trabalho *Tempo e Narrativa*, mas é especificamente em *O Si-mesmo como um Outro* que vai aprofundar a construção da “identidade pessoal” e “identidade narrativa”. Fala também acerca da escrita autobiográfica, da literatura ainda em uma dimensão ética.

É suficiente, no momento, dizer que em muitas narrativas é pela escala de uma vida inteira que o si procura sua identidade; entre as ações curtas, às quais limitam-senossas análises anteriores sob o constrangimento da gramática das frases de ação, e a conexão de uma vida, da qual Dilthey nos seus ensaios teóricos sobre a

Esripturas

autobiografia, dispõem-se graus de complexidade que levam à teoria da ação em nível requerido pela narrativa. É do mesmo modo que diria por antecipação que não existe narrativa eticamente neutra. A literatura é um vasto laboratório onde são testadas estimativas, avaliações, julgamentos de aprovação e de condenação pelas quais a narrativa serve de propedêutica à ética. (RICOEUR, 1990, p. 139 –140).

Numa vida vivida e representada pode-se recorrer aos vários “eus”. Do mesmo modo, e assim como aos vários “outros”, não são instáveis, imóveis dentro de uma realidade. O “eu” muda, mas permanece o mesmo, isso lhe confere identidade, pois se mudasse sem ainda ser o mesmo não haveria como identificá-lo em escala alguma. O olhar do outro sobre esse eu também não será uma imagem congelada da realidade vivida, pois está em movimento pelas diversas versões que narram. A “pré-figuração” e a “figuração” o fazem permanecer, mas a “refiguração” numa relação com as primeiras interrompe a permanência, abre para que o tempo torne a vida um caos a ser eternamente reinterpretado.

Tudo isso que acontece, também, quando entendemos que os sentidos são construídos, quando não temos a ilusória convicção do conhecer e reconhecer as coisas em si, quando a realidade não é algo dada, algo que diz: “veja, aquilo é” ou “veja, aquilo não é”. Gilles Deleuze nos falou a esse respeito, conhecer, na verdade, é nunca saber, ou, saber que não se sabe (*só sei que nada sei?*).

Reconhecemos as coisas sem jamais as conhecermos. Confundimos o significado do signo com o ser ou o objeto que ele designa. Passamos ao largo dos mais belos encontros, nos esquivando dos imperativos que deles emanam: ao aprofundamento dos encontros, preferimos a facilidade das recognições, e assim que experimentamos o prazer de uma impressão, como o esplendor de um signo, só sabemos dizer “ora, ora, ora”, o que vem a dar no mesmo que “bravo! bravo! bravo!”, expressões que manifestam nossa homenagem ao objeto. (DELEUZE, 2003, p. 26).

Considerações finais

Tanto a história quanto a memória são meios utilizados pela humanidade para que uma noção de passado permaneça viva e em atividade no presente. “O passado é, assim, a matéria-prima por excelência da memória e da história.” (MALUF, 1995, p. 41). Ele existe pela sua atuação no presente, pois sua intenção presentificada exerce

Esripturas

funções de identificar, inventar sentidos, movimentar, explicar, justificar e fazer permanecer no tempo.

Nossa labuta enquanto historiadores, se estende, ao buscarmos um “relativismo” que se perde em meio às reflexões teóricas e metodológicas. Nós, historiadores, acabamos por dar nomes a sujeitos e criar fatos por intermédio de nossa narrativa “relativa”. Talvez isso seja justificado por nós pela experiência de sempre estar revendo teoricamente o próprio ofício.

Escolhi um Salomão Alves que não conhecia. Agora, após algumas páginas de reflexão, poderei afirmar que o conheço? Seria a minha análise, acerca dos vários aspectos de uma vida, escolhas e relações, uma maneira de usar *do que nos resta*, na expectativa de abrir uma porta? Quem entrará ou sairá por ela? O que tornou possível esta porta existir?

Se o “núcleo narrável na autobiografia e nas memórias – a experiência – equivale à transformação do indivíduo. *Como me tornei o que sou?* (Nietzsche)” (KINGLER, 2007, p. 19), qual o papel da História, enquanto conhecimento, ao analisar escritos que tentam reviver ossos, carne e sangue?

A história e a memória abrem portas para um “retorno” necessário de pessoas que já se foram. A memória reivindica os direitos dos mortos, subjugando e punindo-os ao mesmo tempo. A história busca apaziguar, dar um sentido por uma narrativa que afirma ter uma proximidade com o real, mas ao fim, acaba por tornar legítimo em seu modo muito particular, um “relativismo” que também afirma.

Salomão Alves escreveu sua vida por um narcisismo bem articulado, propôs uma defesa de si vinculada a grupos. Os *outros*, que são aqueles que lembram, o puniram e o afirmaram por suas memórias. A autocriação de Salomão Alves nos permite entender sua busca por uma demarcação de espaço mediante a uma busca de legitimidade e autoafirmação, o novo sentido de continuidade dado por quem hoje rememora, abre a porta para que um *eu* do passado se torne um *nosso* do presente.

De uma coisa podemos ficar certos, ao menos provisoriamente, que as palavras continuarão trabalhando por um “retorno”, seja de Salomão Alves ou de seus discursos, e mais que isso, por um diálogo entre as escritas como forma de compreensão das mesmas, enquanto integrantes essenciais da tessitura da história.

Esripturas

Referências

Fontes

BRASIL, Salomão Alves de Moura. **O Menino Que Disse SIM**. Fortaleza: Premius, 2008.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-191.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. Ed. Trad. Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

KINGLER, Diana Irene. A escrita de si – o retorno do autor. In: **Escritas de Si, escritas do outro**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

REIS, José Carlos. O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e “Annales”: uma articulação possível. **Síntese Nova Fase**, vol. 23 nº. 73, 1996.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Volume I. Tradução de Claudia Berliner. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Tempo e narrativa**. Volume III. Tradução de Claudia Berliner. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Autobiografía intelectual**. Buenos Aires: Ediciones NuevaVisión: 1997.

_____. **O si-mesmo como um outro**. Trad.: Lucy Moreira César. Campinas SP: Papirus, 1991.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da Vida**: reflexões sobre a narrativa biográfica. História Unisinos, Vol. 8, nº 10, 2004.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 127-144, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Nogueira, Rycardo Wylles Pinheiro

A construção do “Menino que disse sim”: memórias e narrativas autobiográficas em Salomão Alves

SANTOS, Márcia Pereira. A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografias: contribuições Ricouerianas na escrita da história. **Emblemas: Boletim da Linha de Pesquisa: Campos de Experiências e Relações de Força**, v. 1, p. 1-80, 2006.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 127-144, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com